

Diversidade na passarela

Ciça Vallerio

“Cansei de me esconder por medo de ser rejeitada, agredida e discriminada. Se Lea T. pode, por que eu não posso e outros também?”, brada a modelo transexual Fabianna Oliveira, de 31 anos, pernambucana que retornou ao Brasil no final de 2009, depois de uma temporada em Milão (Itália). Muitas outras vozes como a dela ecoam no mundo da moda, depois de o furacão Lea T. passar por São Paulo e Rio.

Mas será que o frenesi causado por Lea T. vai ajudar a abrir portas ou foi só um oba-oba instantâneo para chamar a atenção da mídia? Isso ninguém sabe responder. Mas é fato que transexuais enxergam um momento importante para fazer a carreira de modelo decolar.

Para a transformista e modelo Raphaella Faria, apesar dos avanços, ainda há muito preconceito, mas Lea T. está ajudando a quebrar tabu. “Só fico ressentida que isso tenha acontecido com tamanha força agora, pois estou com 39 anos e já passei da idade para aproveitar”, lamenta a santista, que vive em São Paulo e é conhecida pelos shows que faz como drag queen em boates gays paulistanas, como o Blue Space, além de se apresentar Brasil afora.

O tema também ganha visibilidade com a 15ª edição da Parada do Orgulho LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais), que acontece hoje (26) em São Paulo e deve reunir 3 milhões de pessoas – o maior evento do gênero no mundo.

Mas o bochicho no mercado da moda pegou fogo quando a modelo transexual Lea T., de 29 anos, 1,81 m de altura e 56

A presença de tops como Andrej Pejic e Lea T. nas principais semanas de moda brasileiras aumenta a visibilidade de modelos transexuais e projeta um novo mercado para quem, antes, vivia na obscuridade

quilos, debutou em passarela brasileira em janeiro na São Paulo Fashion Week (SPFW). No começo deste mês, o frisson chegou às alturas na Fashion Rio, depois que top desfilou de biquíni e fez ensaios fotográficos nas areias de Ipanema para a marca de moda praia Blue Man. Em suas entrevistas, contou sobre a prótese de silicone de 300 ml que implantou nos seios e a futura operação para mudança de sexo... E aproveitou para lembrar das dificuldades que viveu ao assumir seu lado feminino e para levantar bandeira. “Nós temos que ter



GIANNE CARVALHO/AE

Sensação. A mineira Lea T.

orgulho de ser transexuais. Você não vai ser uma mulher”, disse à apresentadora Ana Maria Braga, durante participação no programa *Mais Você* (Globo).

Deu o que falar também a vinda ao Brasil do badalado modelo andrógino bósnio Andrej Pejic, de 19 anos. Ele também participou da Fashion Rio e virou atração na SPFW. E lucrou duplamente. Vestido de mulher, desfilou na Bienal para os estilistas André Lima, Lino Villaventura e para a marca Maria Bonita. Como homem, para a coleção masculina de Alexandre Herchcovitch. Em entrevista exclusiva ao *Feminino*, Pejic afirmou acreditar que modelos transexuais vão ter muito mais oportunidades de trabalho no futuro – não exatamente agora.

“O que tem acontecido é pontual, mas daqui a 10 anos as pessoas vão olhar para trás e perceber como esta época foi avançada ao dar destaque a transexuais”, disse ele com trejeitos femininos. Enquanto falava, fazia biquinho com os lábios brilhantes de gloss e vestia saia drapeada, blusa de renda e corselet, além de um arranjo de flores nos longos cabelos loiros. Nas unhas, esmalte era azul.

Consagrado, o modelo já desfilou para nomes do porte de John Galliano e Jean Paul Gaultier, entre outros. O loiro esguio e com traços femininos entrou por engano na lista das 100 “mulheres” mais sexies do mundo pela *L’Officiel* francesa.

Já Lea T., filha do ex-jogador de futebol Toninho Cerezo, nasceu homem em Belo Horizonte (MG) e foi batizado Leandro. Tornou-se estrela da campanha da Givenchy, foi capa da revista *Love* (beijando na boca a modelo Kate Moss), virou reportagem da *Vogue* francesa e

● Dupla face

Na última SPFW, o bósnio Andrej Pejic desfilou para três grifes femininas e uma masculina



● Dividendos

Depois de estreiar nas passarelas, Patrícia Araújo recebeu convite para participar de uma série de TV



REBECA FIGUEIREDO/DIVULGAÇÃO



WILTON JÚNIOR/AE

'É a população mais excluída'

Ciça Vallerio

Transexualidade é um dos principais objetos de estudo da socióloga Berenice Bento. São dela os livros *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual* (Garamond, 2006) e *O que é Transexualidade* (Coleção Primeiros Passos, Brasiliense, 2008). Com essa bagagem, ela analisa o sucesso estrondoso das passagens pelo País de Lea T. e do modelo andrógino Andrej Pejic. Na sua opinião, o debate em torno das questões de gênero é o primeiro ponto positivo por trás do glamour das passarelas. Leia, a seguir, sua entrevista.

● Qual é a diferença entre o travesti e o transexual?

Em vários países do mundo, não há distinção entre os termos. Geralmente, se utiliza a expressão transexual. No Brasil, há uma forte distinção. Até pouco tempo, se dizia que era a cirurgia de transgenitalização que diferenciava. Talvez o mais importante seja afirmar que transexual, travesti, cross-dresser, drag queen e drag king são expressões de gênero. Embora homens XY e mulheres XX sejam as expressões de gênero hegemônicas, não existe “mulher ou homem de verdade”. Ninguém nasce mulher ou homem, nos tornamos. Ninguém tem um gênero, fazemos gênero.

● O padrão de beleza feminino, o da magreza e sem curvas, facilita a entrada de modelos transex?

Não existe “o corpo” transexual ou travesti, mas corpos plurais. E mesmo aquelas que conseguem se aproximar do modelo idealizado de beleza têm que enfrentar as barreiras do estigma. Ela pode ser linda,

elegante, fotografar perfeitamente, mas ainda será uma transexual/travesti. Essa marca de gênero exclui.

● Como avalia o frisson causado por Lea T. e Andrej Pejic?

Pode-se imaginar que estamos avançando, que as transexuais estão ocupando mais espaço e que, finalmente, vivemos num mundo em que as diferenças são respeitadas. Mas acho que a reação espetacularizada da presença de uma transexual na revelação justamente o contrário: ele é “admitida” de uma forma que a mantém excluída. Sua presença não é compreendida como mais uma pessoa diferente, como afinal, somos todos. Mas como a personificação “da diferença”, uma diferença tão diferente que a torna exotizada, portanto, quase inumana.

● Transexuais acreditam que terão mais chances no mundo da moda. Qual é sua opinião?

Sempre acredito que podemos mudar a sociedade. As estratificações e desigualdades sociais são resultado de longos processos históricos. Portanto, a mudança está acontecendo, mas a violência contra travestis e transexuais é terrível. Há assassinatos todos os dias.

● Por que o estigma é tão forte?

A escola, uma das principais instituições de acesso à cidadania, é um dos espaços mais produtores de estigmas. Não é coincidência que grande parte da população trans é analfabeta. O que acontece dentro dos seus muros é um radical processo de expulsão. Razão pela qual a maioria é profissional do sexo por falta de alternativa. Não tenho a menor dúvida: é a população mais excluída, mais violentada da sociedade brasileira.

Fabianna Oliveira

Na Itália, modelou no showroom dos estilistas Roberto Cavalli e Giorgio Armani

Cirurgia abriu portas

Filha de uma família de classe média alta de Recife, Fabianna Oliveira estudou em escolas particulares, prestou medicina e não passou. Entrou em psicologia, mas decidiu não se matricular. Veio tentar a sorte em São Paulo e nem sua formação evitou que enfrentasse maus bocados. Foi se arriscar, então, em outra paragem: Milão. Com mais oportunidades lá do que no Brasil, passou a trabalhar como modelo em showrooms de marcas, desfilando para clientes e comerciantes.

Fabianna chegou a modelar, nesse mesmo esquema, para os estilistas italianos Roberto Ca-

“Ao me tornar oficialmente uma mulher, os trabalhos como modelo aumentaram”

Fabianna Oliveira

valli e Giorgio Armani. Mas foi diversas vezes vetada em castings quando apresentava o documento com o nome masculino. Cansada dos “nãos”, reuniu 15 mil euros entre showrooms e “bicos” como hostess de boa-

tes para, finalmente, pagar uma cirurgia na Espanha e mudar de sexo. Foram seus pais que, aqui no Brasil, entraram com o pedido de mudança de identidade.

“Ao me tornar oficialmente Fabianna, os trabalhos como modelo aumentaram”, conta. “Só voltei a Recife por causa dos meus pais, que estão idosos e precisam de cuidados.” Desde que chegou a sua cidade natal, há dois anos, evita exposição por medo da reação das pessoas. “Mas agora estou com outra cabeça. Quero trabalhar e aproveitar a onda Lea T.”

“Nós temos que ter orgulho de ser transexuais”

Lea T.

“Daqui a 10 anos, as pessoas vão olhar para trás e perceber como esta época foi avançada ao dar destaque a transexuais”

Andrej Pejic

“A androginia é uma tendência, uma semelhança cada vez maior entre homens e mulheres, no corpo, na moda e no comportamento”

Mirian Goldenberg
Antropóloga

da Vanity Fair italiana, além de ser entrevistada por Oprah Winfrey e entrar no hall das 50 maiores modelos do mundo.

A antropóloga Mirian Goldenberg, professora da Universidade Federal do Rio e autora do livro *De Perto Ninguém é Normal* (Ed. Record), entre outros títulos, viu Lea T. de perto, durante os ensaios de biquíni na praia. Para ela, é impossível dizer se é uma mulher, um homem ou transexual. “Ela é simplesmente Lea T., uma ‘genderless’, que significa ‘sem gênero’”, afirma Mirian. “Diria que, desde os anos 60, a androginia é uma tendência, uma semelhança cada vez maior entre homens e mulheres, no corpo, na moda e no comportamento.”

Antes desses dois ícones transex receberem tantos holofotes brasileiros, outra modelo transexual chamou atenção no



FOTO: EDUARDO REZENDE/DIVULGAÇÃO. PRODUÇÃO: FERNANDO TORQUATTO

Transformista em alta

Quando a santista Raphaella Faria se assumiu como mulher, enterrou para o show biz. Era um “bico” de fim de semana, durante a época em que trabalhava na contabilidade de um escritório de direito. Durante o dia, se vestia como menino, apesar dos traços delicados. À noite, subia no palco para fazer caracterização de cantoras famosas.

Veio para São Paulo e estourou como artista transexual. “Tinha de encontrar um trabalho para não me prostituir e conseguir”, diz Raphaella, de 1,72 m e 62 quilos. Ela não quer fazer cirurgia para mudar de sexo: “Sou bem resolvida.”

Trabalhos com moda viraram mais diversão do que ganha-pão por falta de oportunidade e cachês. Os convites que pingavam eram aceitos por amizade ou em troca de roupa. Assim, ela fechou o desfile do estilista paulistano Caio Gobbi em 2000. E modelou várias vezes para o pernambucano Walério Araújo, que vive em São Paulo.

“Hoje participo mais como celebridade, porque as pessoas conhecem meus shows”, diz. Raphaella desfilou este mês para uma marca de moda feminina – com cachê. Ela aconselha transexuais novinhas a aproveitarem a fase Lea T. “Tem cada travesti linda... Se tivesse meus 18 anos, não perderia tempo.”

Trabalhar no show biz foi a solução encontrada para não recorrer à prostituição

ano passado: Patrícia Araújo. Ela fechou o desfile de uma das marcas da Fashion Rio e foi ovacionada. Logo depois, foi convidada a participar do seriado *A Lei e o Crime*, da TV Record.

“Os trabalhos aumentaram desde então, mas espero que a visibilidade alcançada por Lea T. possa abrir mais portas não só na moda, mas também na televisão”, avalia a carioca Patrícia, de 26 anos. “Mas não é fácil.

Luto dia a dia para conseguir me sustentar sem precisar voltar para a prostituição. É muito triste vender o corpo.”

Sob o olhar acadêmico, o fenômeno Lea T. pode reforçar as distinções sociais e de gênero, de acordo com o sociólogo Richard Miskolci, professor de pós-graduação da Universidade Federal de São Carlos e integrante do Grupo de Pesquisa Corpo, Identidades e Subjetiva-

ções do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu-Unicamp.

“As convenções de classe tão caras à esfera do consumo de moda, na qual se gastam milhões, são mantidas na imagem de Lea T. Afinal, se trata de uma jovem de classe alta, educada no exterior”, avalia Miskolci. “Realidade muito distante da maioria dos travestis, que costuma ser de classe popular e vivencia a prostituição.”

Segundo o pesquisador, Lea T. representa uma versão da classe média alta, higienizada e, por isso, mais aceitável. Daí não ser tão arriscado para um desfile ou uma revista dar visibilidade a seu corpo, que atrai a curiosidade e vende muito bem as coleções e revistas. “Sem ameaçar e tampouco distanciar o público consumidor.” ➔

* Colaborou Virna Wulkan